



DUALISMO E IGREJA

Feiruque de Jesus dos Santos

Júlio Sergio Domiciano

RESUMO:

O artigo aborda o mundo das ideias de Platão, a partir de dois pontos de vista de dois dos seus principais pensadores: (I) O ponto de vista de Platão, criador do mundo das ideias (II) e Santo Agostinho que após se converter ao catolicismo, trouxe o neoplatonismo para dentro da igreja. Aqui, tentamos colocar em debate, alguns aspectos do dualismo (corpo e alma), dentro da igreja cristã. Com isso, veremos uma igreja que despreza o corpo, sendo que Jesus Cristo, fundador do cristianismo, tinha o corpo não como pecado, mas como uma parte do todo, pois o mesmo deu seu corpo para remir os pecados dos seres humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Dualismo. Igreja. Platão.

INTRODUÇÃO

Caro leitor, o universo do conhecimento é cheio de mistérios que nos motivam cada dia a ir em busca de mais conhecimento. Este trabalho, foi feito com base em nossa primeira experiência no curso de Teologia, nas disciplinas de psicologia da religião e antropologia filosófica. Confessamos que no começo, nos sentimos com muito receio de escrever sobre este assunto, pois além de ser complexo, é o nosso primeiro ano na Teologia.

O presente artigo tem como objetivo, mostrar a visão dualística (corpo e alma), dentro da igreja cristã de um modo geral. Aqui, nos ocupamos em trazer alguns aspectos que podem ter sido resultado deste dualismo, como por exemplo, a autoflagelação e a escravidão. Sabemos que a igreja por muito tempo se comportou de um jeito um pouco diferente, desprezando o corpo principalmente.

A valorização da alma como única coisa que restaria pós- morte, foi o marco inicial para que o corpo sofresse todo tipo de castigo e calúnia.

Com isso, trazemos aqui, uma concepção baseada em Jesus Cristo, que com o seu exemplo, mostrou aos seus discípulos e nós que também somos discípulos, que corpo e alma são uma união fundamental para se viver feliz.

Com isso, esperamos que você goste e que seja instigado a buscar novas fontes de conhecimentos, boa leitura.

PLATÃO E SANTO AGOSTINHO.

Para começarmos a falar do dualismo e como ele entra na Igreja romana, precisamos saber quem foi Platão e quem foi Santo Agostinho. Estes dois grandes filósofos, que deram ênfase na questão corpo e alma.

Platão, foi um filósofo grego que viveu em Atenas durante os séculos 427 a.C. e 347 a.C. Ao longo de sua vida, dedicou-se a filosofia, seguindo os ensinamentos de Sócrates, tornando assim seu discípulo. Em 387 a.C. fundou a academia de Atenas, uma escola de filosofia com o propósito de recuperar e desenvolver as ideias e pensamentos socráticos.

Suas ideias baseiam-se na diferenciação do mundo entre as coisas sensíveis (mundo das ideias e a inteligência) e as coisas visíveis (seres vivos e a matéria).

Porém, Platão não seria o único a pensar no dualismo. Acredita-se de suas origens na Pérsia antiga e na Índia. É possível encontrarmos este dualismo no orfismo e nos pitagóricos. Para os pitagóricos, existia uma hierarquia de almas, sendo alguns melhores e outros inferiores. Cada coisa animada tinha uma alma, sendo o homem, o único capaz de aperfeiçoá-la.

Já no Orfismo, o conceito de alma está atrelado basicamente a questão da imortalidade da mesma, e que posteriormente também se desdobrará na teoria apresentada por Platão.

O mito da caverna

Para poder explicar essa ideia de mundo das ideias e mundo matéria, Platão usa o mito da caverna. Segundo Platão, nessa caverna, haviam pessoas acorrentadas nas paredes, elas são forçadas a viverem somente das sombras do que é verdadeiro (mundo das ideias). Porém, uma dessas pessoas consegue sair desta ilusão, e vê a luz. Por curiosidade vai até ela. Ao se encontrar com a verdade (luz), fica um pouco cego, e depois de algum tempo, o mesmo começa a ver as

coisas verdadeiras, com suas formas exatas, nomes adequados. Então, essa pessoa decide voltar a caverna e contar tudo às outras.

Santo Agostinho

Agostinho nasceu em 354 no município de Tagaste na África romana. Sua mãe, Mônica, era uma cristã devota e seu pai, Patrício, um pagão convertido ao cristianismo no leito de morte. Aos dezessete, graças à generosidade de um amigo, Romaniano, Agostinho mudou-se para Cartago para estudar retórica. Embora tenha sido criado um cristão, passou a seguir o maniqueísmo, para desespero de sua mãe. Como todos os jovens de sua época e classe social, Agostinho adotou um estilo de vida hedonista por um tempo, associando-se a outros jovens que se vangloriavam de suas aventuras sexuais com mulheres e homens.

O DUALISMO NA IGREJA

Neste pequeno capítulo, abordaremos a visão de Santo Agostinho sobre o dualismo antropológico criado por Platão. Santo Agostinho após se converter ao cristianismo, expressa essa sua visão dualista em seus escritos. No seu livro, *Confissões*, percebe-se este “dualismo cristianizado”. Podemos perceber essa ideia de Agostinho em um dos parágrafos de sua obra.

No princípio Deus criou o céu e a terra; a terra era invisível, informe, e as trevas cobriam o abismo. Quando ouço, ó meu Deus, essas palavras da Escritura, sem precisar o dia em que os criastes, eu as interpreto do seguinte modo: a primeira é o céu do céu, o céu intelectual, onde compreender é conhecer tudo ao mesmo tempo e não em parte, não por enigmas ou através de um espelho, mas inteiramente, em plena evidência, face a face. Conhecer, não ora isto ora aquilo, mas - como já dissemos - tudo simultaneamente, sem as vicissitudes do tempo. A segunda é a terra invisível e desorganizada, sem aquela temporalidade que costuma trazer consigo, ora isto ora aquilo. São duas realidades, uma com sua forma desde o princípio, a outra absolutamente informe; isto é, um céu - ou seja, o céu do céu, - e a outra a terra, ou seja, a terra invisível e informe.¹

Além desta passagem, Agostinho durante sua vida, consegue encaixar no pensamento cristão essa ideia de corpo (mal, prisão da alma), e a alma (coitadinha presa ao corpo).

¹ AGOSTINHO, 1984, p. 348

Com essa ideia dualística, podemos perceber alguns comportamentos de pessoas que adotaram o corpo como “prisão da alma”, ou seja, este corpo é a causa do mal. Podemos destacar aqui, as pessoas que durante a Idade Média por exemplo, se flagelavam. Santos e santas que castigavam seu próprio corpo por causa do arrependimento de algum pecado cometido. Também temos a questão dos escravos, que segundo alguns estudiosos, eram considerados sem alma, e por isso trabalhavam e apanhavam. Outro fato marcante foi também a inquisição, segundo José Comblin:

(...) foi o dualismo da teologia que permitiu que os teólogos pudessem com tanta facilidade justificar a tortura praticada pela Inquisição, ou a escravatura praticada universalmente, ou a redução dos índios a uma condição de servos como fizeram ainda no século XVI tantos teólogos. Somente foi possível porque para eles, o corpo não era realmente o homem. Torturar o corpo, tirar a liberdade do corpo podia justificar-se porque o corpo ficava de certo modo exterior à pessoa humana, como seu instrumento.²

Porém, se compararmos detalhadamente essa teoria com o que os evangelhos dizem, Santo Agostinho está completamente errado ao dizer que o corpo é prisão para a alma. Este corpo que dizemos que é a causa para todo o mal, onde a impureza humana se acumula, pode estar sendo incriminado inocentemente.

Segundo as Escrituras Sagradas, Deus o todo poderoso, do mundo inteligível, do lugar onde tudo é perfeito, se fez carne e habitou entre nós. Uma passagem como esta é capaz de explicar todo o nosso problema enquanto a relação entre corpo e alma. Aqui podemos perceber a ligação entre essas duas substâncias se assim podemos dizer.

COMO ASSIM DUALISMO?

Durante muito tempo o dualismo esteve presente no pensamento da Igreja. Mas como podemos explicar esse dualismo na doutrina da igreja ou na bíblia? Na verdade, não podemos achar na bíblia argumentos que justifiquem adequadamente esse dualismo proposto por Sto. Agostinho.

Não podemos pensar em uma visão dualística quando falamos em unidade, um Deus, na imagem de Jesus, que se fez carne para habitar entre nós e ressuscitou dos mortos de “Corpo e Alma”. Para isso podemos notar que há vários

² COMBLIN, 1985, p. 82.

símbolos de fé, de devoção que nos faz pensar nesta questão, como exemplos temos o creio e a própria eucaristia.

Creio em Deus e na ressurreição da carne.

Segundo a profissão de fé dos católicos romanos, o creio; cremos em um Deus pai todo poderoso, que cria o céu e a terra, que ressuscitou dos mortos e, ainda, cremos na remissão dos pecados e na ressurreição da carne. Aqui temos o próprio creio, que muitos cristãos católicos confessam diariamente, exprime de maneira simples e didática a vida de Cristo. Um Deus que se fez carne, que não é mais só espírito, mas sim corpo e espírito ou corpo e alma.

No evangelho de João (5, 28-29), podemos perceber a não existência do dualismo nas pregações do grande Mestre: “Não fiquéis admirados com isso, pois vem a hora em que todos os que estão no túmulo ouvirão sua voz, e sairão. Aqueles que fizeram o bem ressuscitarão para à vida; e aqueles que fizeram o mal, para a condenação”.

Quando olhamos para o sepulcro vazio, onde percebemos que Jesus não está mais lá, permitamos dizer que os mortos realmente ressuscitam. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, 997:

“Que é ressuscitar”? Na morte, que é separação da alma do corpo, o corpo do homem cai na corrupção, ao passo que sua alma vai ao encontro de Deus, ficando à espera de ser novamente unida a seu corpo glorificado. Deus, em sua onipotência, restituirá definitivamente a vida incorruptível a nossos corpos, unindo-os às nossas almas, pela virtude da Ressurreição de Jesus.³

Ainda São Paulo escreve aos Coríntios (6, 13-15. 19-20):

O corpo não é para a prostituição, ele é para o Senhor; e o Senhor é para o corpo; e Deus, que ressuscitou o Senhor, nos ressuscitará também a nós, pelo seu poder. Porventura ignorais que vossos corpos são membros de Cristo? ... Fostes comprados, e por um preço muito alto! Então, glorificai a Deus no vosso corpo.⁴

Aqui vemos a questão do respeito ao próprio corpo e ao dos demais. O corpo acaba sendo para nós, uma espécie de escudo protetor. Um corpo onde o pecado é acumulado, mas que protege a alma de coisas mais perigosas. Jesus é o maior e talvez único exemplo de pessoa que ressuscitou dos mortos, e que também

³ EU CREIO, 2004, p.107.

⁴ CORÍNTIOS, 6, 13-15. 19-20.

ressuscitou outra pessoa, temos aqui o caso de Lázaro, que foi ressuscitado por Jesus.

Ao dizemos que cremos na ressurreição da carne, estamos afirmando firmemente que acreditamos que Jesus ressuscitou e que é possível ressuscitar corporalmente. Como uma semente que morre e dela nasce uma bela árvore.

Jesus na sua última ceia com os apóstolos, reparte seu corpo e o dá a seus seguidores. O pão que se torna o Corpo de Cristo, que nos faz refletir a entrega de Cristo por nós. Ele se faz o Cordeiro de Deus, todos nós sabemos que a figura do cordeiro, é algo bem visível nas Escrituras Sagradas. O cordeiro tem como objetivo livrar os seres humanos do pecado, ou até um ato de agradecimento. Mas no caso de Jesus, podemos perceber que o cordeiro de Deus se deu por nossos pecados em uma cruz. É interessante e ao mesmo tempo lindo, os mistérios deste santo ato, o Cristo, o Deus, o Pai, que se dá em sacrifício para salvar a humanidade do pecado, morrendo em uma cruz.

É importante percebermos aqui, a importância do corpo, Jesus em uma de suas belíssimas palavras, diz: quem come do meu corpo e bebe meu sangue, terá a vida eterna. Bem, há várias maneiras de se interpretar esta passagem, mas no nosso caso podemos perceber que quem assume provar o corpo de Cristo, está assumindo que acredita na ressurreição e com isso na vida eterna.

O dualismo segundo Jesus

É importante percebermos que Jesus não faz essa distinção de corpo mal e alma boa, ao contrário ele nos mostra que os mesmos são uma unidade. Podemos perceber isso na primeira carta de São Paulo aos Coríntios:

Num momento, em um abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. (I Coríntios 15:52-54)⁵

Essa unidade, que torna corpo e alma unidos, glorificados depois da morte e remissão dos pecados. “É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade.” É interessante

⁵ I CORÍNTIOS, 15:52-54

notarmos também a forma como Jesus age perante a morte, onde ele ressuscita na carne, porém santificado, mas o corpo- matéria está junto ressuscitado com ele. Nas Escrituras Sagradas, Jesus aparece várias vezes aos discípulos, mesmo que as vezes os mesmos se assustarem, Jesus mostrou que ele estava ali, ressuscitado.

O DUALISMO INVERTIDO

É importante notarmos como o dualismo é visto hoje dentro e fora da Igreja. Aqui, paramos para pensar será que as pessoas, os monges e clérigos notaram este dualismo dentro da doutrina da santa Igreja? Não temos esta resposta, mas nos fica a dúvida.

A Igreja por muito tempo viveu este dualismo. Podemos perceber um dualismo social, a questão das pessoas que levam uma vida de dupla identidade; por um lado, uma vida santa na igreja e por outro, uma vida desregrada na sociedade, fora das paredes de uma paróquia.

Não é raro de se notar, mas hoje vivemos em um dualismo meio que invertido. Uma forma de ver a realidade não como *corpo versus alma*, mas sim estes dois elementos do ser humano ligados entre si. Podemos perceber hoje e agora, como é essa relação entre Igreja e Sociedade. Uma denominação religiosa que vivia presa as suas estruturas, começa a abrir suas portas para que todas as nações, raças, etnias, classes sociais, possam entrar e se sentir à vontade.

Sabemos que muitas pessoas sofrem hoje pelo esquecimento, vivendo em situações precárias. A busca por atender a quem necessita, parte dos ensinamentos de Jesus Cristo. Talvez com a visão dualística, não seria possível percebermos a distância da ação da igreja voltada para os menos favorecidos.

A ideia de um corpo (cheio de pecado), e uma alma (santa e presa ao corpo), nos faz tomar rumos diferentes, principalmente em nossas ações, pelo simples fato de começarmos a levar duas formas de vida, ou seja, uma vida social e turbulenta e uma vida santa e beatificada.

Não precisamos esperar o céu chegar.

No seu livro, “Uma reflexão sobre céu, inferno e purgatório”, o escritor Eurides Divino Vaz, nos vem mostrando uma ideia contraria que muitos de nós

temos sobre a questão céu e inferno, trazendo para a nossa realidade de corpo e alma; percebemos uma forte ligação entre estas duas substâncias, assim dizendo. O corpo ligado a alma, formam um só ser. Segundo Eurides, não podemos esperar que o “céu caia do céu”, mas sim começa a fazê-lo aqui e agora na terra.

Em nosso mundo dualista, talvez ficaríamos um pouco acomodados, deixando a vida nos levar. Pois o corpo era o acumulo dos pecados e a alma sairia totalmente livre depois da morte. Mas percebemos que não é bem assim que acontece as coisas. Este corpo que é como um ímã para o pecado, está totalmente ligado a nossa alma, ou seja, ele é para nossas almas um escudo protetor, que no dia da ressurreição se une com a alma e continua com ela. Jesus nos mostra isso. Ele ressuscitou, e os discípulos estiveram com ele muitos dias até ele subir aos céus.

O acumulo de riquezas na terra.

Quanto mais dinheiro você der a obra de Deus, ele lhe abençoará. Este pequeno sermão, percebemos em quase todas as Igrejas neopentecostais e entre outras denominações de fé cristã, não excluindo aqui católicos. Acumular bens materiais na terra, como casas, contas bancárias, grandes investimentos pessoais, são algumas propostas ou requisitos para ser feliz. Aqui também voltamos com a valorização do corpo, do material, além de outros aspectos. Nossa visão dualística começa a ser questionada, a partir do momento que começamos a valorizar o material. A nossa visão de corpo e alma começa a ganhar um novo significado.

Ao optarmos pela valorização de bens terrenos, por exemplo: a uma boa moradia, um emprego dos sonhos e até mesmo a uma boa saúde física, nos é revelado que a ideia de corpo e alma, não passa de uma ideia que não se concretiza hoje.

A teologia do pobre, da libertação.

Como já havíamos falado, o dualismo platônico pode ter sido responsável por muitas maneiras da igreja agir em relação ao povo. Um ponto que não podemos deixar de lado, foi a questão da desvalorização do ser humano, principalmente na colonização do Brasil, com a figura do escravo. Estes homens que eram

considerados sem alma, passaram por grandes provações, foram feitos de burros de carga, foram desmoralizados entre outras formas de desumanização.

Precisava-se de um povo liberto, mesmo sem a escravidão ainda há pessoas que vivem na miséria, sendo excluídas a cada dia. Então por volta das décadas de 1950/60, surgia a Teologia da Libertação, ligada a questões sociais com base nos ensinamentos do Evangelho. É uma teologia que está voltada para as classes mais vulneráveis da sociedade. É o próprio Jesus que se faz no meio do povo através do amor, do sofrimento, da pobreza e do evangelho.

Talvez viver na terra não seja somente estar bem espiritualmente e mais nada, mas sim estar em comunhão com si mesmo, duas substâncias corpo e alma, social e religioso, todos estes elementos do ser humano unidos por um eixo, que é o Jesus libertador.

CORPO E ALMA LIGADOS ENTRE SI.

No decorrer deste artigo, percebemos as muitas maneiras de se interpretar o dualismo antropológico. Essas muitas maneiras, acabaram sendo uma controvérsia com o próprio Cristo. Na bíblia, percebemos que corpo e alma são uma união, desde o livro de Gênesis (a criação) até a ressurreição de Jesus. Um corpo e uma alma, um espírito e matéria ligado por um sopro que os une e os faz um só. Neste capítulo, tentaremos mostrar essa união através da *néfesh* e a *rûach*.

O dualismo e a bíblia.

No livro de gênesis 2:7, “Javé Deus formou o ser humano do pó da terra e soprou nas suas narinas o fôlego da vida; assim o ser humano se tornou uma *néfesh* vivente”. Aqui temos a figura da *néfesh*, que para muitos quer dizer alma, mas aqui talvez não signifique alma, mas sim um conjunto com a figura total do ser humano e especialmente com sua respiração

Este ser humano, formado do pó da terra, não tem vida enquanto não recebe este sopro divino. Ato contínuo, não há aqui distinção entre corpo e alma. Este não é um corpo sem alma, mas um ser humano sem vida. Neste versículo temos um paradigma da antropologia veterotestamentária. Para Wolff, *néfesh* é uma forma de expressar a necessidade do ser humano.

Segundo Vanderlei Pereira da Rosa:

Quase sempre *néfesh* é utilizado para designar órgãos vitais, os quais exigem satisfação, sem o qual o ser humano morre. Isto é possibilitado pelo pensamento estereométrico-sintético utilizado pelos escritores do Antigo Testamento para descrever órgãos do corpo em referência à totalidade do ser humano. (ROSA, 2010, p.130)⁶

Outro fator importante para nós é o papel da *Rûach*, trazendo para concepção do ser humano é o ar, a respiração que dá a vida. É a *Rûach* que faz o ser humano um ser animado, cheio de vida. Percebemos a importância da *Rûach* em Ezequiel (37:6ss.), que diz: “É assim que, os ossos revestidos de carne, músculos e pele somente tornam-se corpo com vida após receber a *rûach* de Javé.” Enfim, a *rûach*, é o sopro de Javé sobre a sua criação, que somos nós. Este sopro nos impulsiona a unidade, é o espírito santo de Javé. É através deste espírito concedido por Deus, que o ser humano tem a capacidade de criar e recriar coisas, é o espírito que dá a vida, e que através da vida, sabe também conceder vida.

Outro fator importante, que não poderia passar despercebido é a *psyché*, que semelhante ao hebraico *néfesh*, que dizer vida, ou seja, *psyché* designa-se o “eu”, a pessoa com suas potencialidades, a vida interior. Aqui poderíamos destacar a *psyché* como a vida cotidiana do ser humano.

CONCLUSÃO

“O corpo humano é a melhor imagem da alma.”
(Ludwig Wittgenstein, filósofo austríaco)

Neste trabalho, tentamos fazer uma pequena comparação do dualismo de Platão dentro da concepção da igreja, pegando a figura de Santo Agostinho, um grande contribuinte para essa visão dualística na estrutura religiosa cristã.

Nos primeiros capítulos, tentamos repassar um pouco da história de Santo Agostinho e de Platão. Logo depois, fomos nos adentrando sobre a questão do dualismo dentro da igreja, apontando suas consequências.

Percebe-se que nos demais capítulos, vamos dando ênfase na questão de um dualismo que não poderia existir na cultura cristã. Aqui, citamos alguns trechos

⁶ ROSA, 2010, p.130

do Catecismo da Igreja Católica Romana, e também a profissão de fé da mesma (o creio), que em suas entrelinhas, vai nos mostrando realmente em que um cristão acredita, não deixando de lado todas as denominações cristãs.

E por fim, trouxemos a imagem de Jesus Cristo, que vem nos ensinando a valorizar o corpo a partir do momento em que ele se entrega por nós na cruz, derrama seu sangue e nos dá de beber e comer do próprio corpo. É um mistério que nos mostra a unidade entre o corpo e a alma.

Jesus mostra-nos também que esta unidade de espírito e matéria, é essencial para a boa vivência na terra. Uma vivência de entrega ao próximo, de trabalho e solidariedade. Não se pode ficar preso a uma única característica nossa (alma), mas sim ao todo, que nos faz vivenciar melhor a experiência de vida aqui na terra. Essa pesquisa não termina aqui, há vários outros mistérios e outros meios de interpretar essa questão de corpo e alma, existe milhões de probabilidades de perguntas e respostas sobre este assunto que é tão questionado por muitas pessoas. Assim como nós, esperamos que isso não acabe aqui. É como dissemos no anteriormente, o universo do conhecimento é cheio de mistério.

REFERÊNCIAS

PLATÃO. A teoria das ideias. São Paulo: Hunter Book, 2013.

SANTO. Agostinho. Confissões. São Paulo: Paulus, 1984.

ROSA. Vanderlei Pereira da. O dualismo na teologia cristã. São Leopoldo: Est, 2010.

DECOTELLI. André. O que tem a ver Atenas com Jerusalém? Um estudo sobre o dualismo platônico e seus desdobramentos na teologia cristã. Disponível em: <http://www.uff.br/helenismo/sites/default/files/7-2010%20-%20dualismo%20corpo-alma.doc> >. Acesso em: 09 de junho de 2015.

VAZ. Eurides Divino. Uma reflexão sobre céu, inferno e purgatório. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.